

O MAL-ESTAR DOCENTE ENTRE O MAL-ESTAR DA CULTURA E O DA CIVILIZAÇÃO

Yara Magalhães dos Santos
Sérgio Pereira da Silva

Resumo

O presente artigo tematiza um trecho fundamental de nossa pesquisa de mestrado já concluída, que investigou o mal-estar de professores do ensino médio. A problemática consistiu em buscar os determinantes associados a esse mal-estar. O mal-estar docente foi analisado a partir dos referenciais da Psicanálise Freudiana e da Filosofia de Nietzsche, sendo entendido como uma micro-expressão do mal-estar civilizatório e cultural maior. Foi realizada uma pesquisa empírica baseada na investigação de fontes orais, com caráter qualitativo de análise. Os resultados revelaram que o mal-estar no magistério está, associado a questões como: falhas no processo educacional de alunos, como operador de interdição de impulsos hostis e agressivos e, sobretudo, um processo de depreciação de alguns valores fundamentais no campo educacional, o que ilustra a propositiva nietzschiana acerca do niilismo.

Palavras-chave: Mal-estar docente. Mal-estar. Nihilismo na educação.

Considerações Iniciais

A história do ocidente possui uma alteridade cultural e civilizatória forjada pela forma como diferentes povos há milênios têm constituído suas normas morais, em comum um forte imperativo de controle sobre os instintos humanos, sobretudo aqueles relacionado às ações dominadoras, bélicas, conquistadoras, sensuais, criativas etc. Disso adveio um complexo movimento de “transvaloração”, queda de mitos culturais e novas configurações sociais, familiares e educacionais. Diariamente, somos invadidos por dilemas culturais, que de uma forma, ou de outra, resvalam no mal-estar que a civilização humana tem vivido.

O termo “mal-estar” nos remete, sobretudo, a duas perspectivas clássicas: a nietzschiana, mais compreendida como “nihilismo” e a freudiana, contemplada na célebre obra Freud intitulada “Mal-estar na civilização”, de 1930. O sentimento generalizado de mal-estar foi apontado por Freud (1856 – 1939), no século XX, como uma espécie de frustração generalizada em toda a sociedade civilizada, fruto da impossibilidade da co-existência entre a satisfação dos desejos e instintos do indivíduo humano e a constituição ordeira e pacífica da

civilização. Antes disso, Nietzsche (1844 – 1900), no século XIX, já havia decretado a ruína de valores culturais modernos que desestruturariam a sociedade deixando-a sobre um mar de incertezas, regadas pelo sentimento de orfandade daqueles que perdem suas crenças nas quais se sustentavam, entre outras, a razão ou o sentido da própria existência. Quando elegemos o mal-estar docente como objeto de pesquisa, suspeitávamos do mesmo estado de crise cultural e social evidenciado pelos clássicos autores citados acima.

Da cultura ou civilização em geral, para a educação, surgiram muitas discussões, levantadas na década de 19(80) por pesquisadores europeus, sobre um sentimento de mal-estar exclusivo da classe docente. O termo se referia aos "efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência" (ESTEVE, 1999, p. 25). Para os pesquisadores europeus existia um estado de crise da profissão docente desencadeada por diversos fatores advindos da condição do trabalho.

O referencial teórico da filosofia nietzschiana e o da psicanálise freudiana nos levaram, hipoteticamente, a pensar se, na verdade, o mal-estar docente não seria uma ramificação, reservada às peculiaridades, de um mal-estar maior, que assola a cultura e a sociedade pós-modernas, nas últimas décadas, desde meados do século passado.

Neste artigo, vamos apresentar os resultados de uma pesquisa de campo com professores da rede de ensino de Uberlândia, Minas Gerais, sobre o mal-estar, abordando perspectivas de alguns debates pedagógicos que associam o mal-estar aos diagnósticos realizados por Nietzsche sobre a crise na cultura, e por Freud sobre o mal-estar social, evidenciando que o mal-estar no magistério uberlandense é uma expressão local de um mal-estar maior, experimentado pela sociedade como um todo.

O mal-estar entre os professores

Ao longo dos anos, a prática pedagógica tem sido atravessada por uma série de inovações do campo científico e acadêmico. Podemos citar o aumento considerável de pesquisas no campo da educação que refutam, confirmam, complementam ou sugerem novas teorias ou perspectivas pedagógicas, sempre acompanhadas de inovações tecnológicas que ampliam as possibilidades de recursos didáticos e apresentam novos contextos para o ensino e para aprendizagem.

Além disso, novas configurações culturais e sociais atingem o contexto escolar, e consequentemente o magistério. A sociedade contemporânea em muito se difere da histórica

sociedade tradicional. De lá para cá as relações pessoais não são as mesmas, estão cada vez mais equiparadas, até mesmo nas complexas relações de poder. O discurso democrático, presente não apenas na classe política, atinge outros cenários e está presente nas propostas curriculares, nos diferentes níveis.

Se por um lado essas novas configurações socioculturais e acadêmicas contribuem para a ampliação de possibilidades com muitos ganhos para os processos de ensino e aprendizagem, por outro, e em muitos momentos, representam grandes desafios para os profissionais da educação. Para Esteve (1999), "os professores, sobrecarregados pelo acelerar das mudanças sociais" se deparam "com problemas novos nas suas aulas, aos quais não sabem fazer frente". Dessa forma, acabam por descobrir a necessidade de "adaptar o seu papel profissional a uma realidade social e institucional em constante mudança" e que, por vezes, questionam suas crenças e valores tradicionais (ESTEVE, 1999, p. 5).

O desencontro entre a expectativa do profissional do magistério e as perspectivas para realização da prática docente alimentam um terreno fértil para a emergência do mal-estar entre a categoria. O mal-estar, enquanto conceito apropriado pela educação refere-se à condição de sofrimento psíquico, em virtude do exercício do magistério, e se expressa de diversas formas: no adoecimento psíquico, no desinteresse pela profissão docente, na perda do sentido em ensinar, nas recorrentes queixas em relação à profissão, na ausência de profissionais do ensino, etc.

Todas essas manifestações são indícios de mal-estar entre a classe. Sem muito esforço é possível observar a ocorrência em que tais expressões acontecem. Os noticiários de TV, jornais locais ou acadêmicos denunciam cada vez mais a ausência de professores nas redes educacionais do Brasil. Em setembro de 2013, a Empresa Brasil de Comunicação divulgou o resultado de um levantamento que apontou um déficit de 170 mil profissionais na rede pública de ensino no Brasil, só na área de ciências exatas.

Este fenômeno se configura não apenas pela desistência de profissionais, ou afastamentos e licenças, mas principalmente pelo fato de que a carreira docente não tem atraído novos profissionais.

O aumento da ocorrência dessas expressões do mal-estar entre os professores evidencia que cada vez mais os docentes, sobretudo aqueles que lecionam no ensino básico, experimentam a angústia do mal-estar no exercício profissional. Jesus (2004) afirma que na atualidade existe uma espécie de crise de desmotivação e uma particular "crise de identidade" entre os professores motivada pelas mudanças sociais e culturais que levaram a docência a perder o prestígio tradicional, ao qual esteve associada por muitos anos.

O mal-estar social e o mal-estar na cultura

Para Freud o mal-estar é fruto da impossibilidade de satisfação de todos os desejos humanos diante da organização da civilização. As exigências sociais, necessárias ao convívio social, tornam as possibilidades de satisfação limitadas, o que gera um estado de mal-estar generalizado entre todos aqueles que vivem em determinada sociedade e compartilham a mesma realidade. Esse mal-estar representa algo mais que um incômodo, é uma carga de tensão “desprazerosa”, sentida como sofrimento para os homens.

O mal-estar pode se manifestar de formas psicologicamente patológicas, como reações neuróticas. Na psicanálise freudiana, a neurose surge a partir de intolerâncias às frustrações dos desejos pulsionais, frustrações que a sociedade impõe a serviço de seus ideais culturais.

O convívio em sociedade pode fazer supor que algumas exigências da civilização são naturais à condição humana. De fato, a experiência e o contato, desde o nascimento do indivíduo com algumas formas ou regras faz com que suas contradições permaneçam sutis. Um exemplo seria a necessidade da ordem. O ser humano não tem uma tendência inata à ordem, e sua imposição social, exige para muitos um criterioso treinamento.

Segundo Freud (1996) os benefícios do estado de ordem são incontestáveis, pois “capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles”. No entanto, apesar das benfeitorias, Freud afirmou que toda civilização é inimiga do homem, assim como todo homem é inimigo da civilização.

[...] porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal. É digno de nota que, por pouco que os homens sejam capazes de existir isoladamente, sintam, não obstante, como um pesado fardo os sacrifícios que a civilização deles espera, a fim de tornar possível a vida comunitária. A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. (FREUD, 1996, p. 16).

Assim como a ordem, a limpeza, e a beleza são exigências sociais da civilização. Ninguém irá discordar de sua importância e necessidade, mas o ser humano, em seu mais íntimo estado instintivo manterá o desejo de se rebelar contra essas exigências.

Os homens não são criaturas gentis, pacíficas e amáveis naturalmente. Ao contrário, os homens, assim como outros animais da natureza possuem instintos agressivos, que diante das proibições da civilização são forçados à repressão, que se manifesta de outras formas, muitas

vezes de forma agressiva e cruel. “Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas” (FREUD, 1996, p. 116). Essa agressividade reprimida ajuda a compor o superego, que é a instância psíquica de regulação interna e tende a agir agressivamente contra o próprio indivíduo, sendo mais uma fonte para a origem do mal-estar.

As exigências sociais, necessárias ao convívio social, tornam as possibilidades de satisfação limitadas, o que gera um estado de mal-estar generalizado, uma espécie de mal-estar social, entre todos aqueles que compartilham o convívio em sociedade.

Sob a perspectiva do filósofo Nietzsche, o mal-estar refere-se ao sentimento de vazio, decepção, frustração e orfandade do indivíduo moderno, notadamente otimista, esperançoso e crente dos mitos modernos como o progresso, a ordem, o desenvolvimento e a evolução; dos mitos seculares e milenares como o deus cristão.

A derrocada cultural, a decadência dos valores metafísicos e da moral cristã, a descrença na ciência, na filosofia e no método. Ruiu o imaginário moderno e com este ruíram os valores e as convicções sobre os quais se ergueram tantos edifícios, conceitos e convicções.

Nietzsche não teve como foco de análise o fenômeno do mal-estar. Contudo, sua consistente reflexão sobre a decadência dos valores modernos e a “transvaloração” nos permite pensar esse movimento que culmina no niilismo decorrente, como forma genuína de mal-estar cultural.

O filósofo utilizou o conceito de niilismo para fazer referência à crise generalizada, marcada pela derrocada dos principais valores da cultura ocidental moderna que resultaria no estabelecimento de um grande vazio, repleto de incertezas. Segundo Granier (2011, p. 31) o niilismo representa “a desvalorização universal dos valores, que mergulha a humanidade na angústia do *absurdo*, impondo-lhe a certeza desesperadora de que nada mais tem sentido”. Não é de se admirar que a filosofia alemã do século XIX foi a origem do grande debate existencialista do século seguinte, sobretudo em torno da evidência da crise do sentido, do sentimento de “absurdo existencial” ou “ferida existencial”.

Para Nietzsche (1999) valores culturais ocidentais como a crença na ciência racional e metafísica e a crença na religião e em deus foram se diluindo no século XIX a partir do próprio avanço científico e civilizacional da sociedade.

Ao longo dos anos, a ciência teve consideráveis avanços, inclusive relacionados à tentativa de garantir saúde e melhoria de vida aos homens. Os avanços em áreas como a medicina e outras afins são inegáveis. Contudo, apesar de ter conseguido prolongar os anos de

vida, nenhum avanço científico conseguiu instaurar a saúde total dos homens, nem romper com o ciclo vital que os dá a certeza da morte. Nenhum avanço científico ou tecnológico conseguiu “aliviar o cansaço da existência humana”.

Quanto à decadência da religião, Nietzsche (1999) utilizou os próprios avanços científicos e tecnológicos da sociedade para justificar “a morte de deus”. As promessas religiosas, com o advento do esclarecimento, revelaram-se um engodo. Tampouco não conseguiu aliviar as dores e as inseguranças próprias da existência humana. Segundo o filósofo, a sociedade teria criado deus e o matado.

Pecoraro (2007) pondera que é possível considerar o niilismo como um movimento positivo. O niilismo leva ao desmascaramento de fundamentos que se consideravam verdades absolutas e universais, mediante um movimento crítico e, conseqüentemente, convoca os homens a assumir a responsabilidade, uma vez que proclama a liberdade individual, “não mais garantida, nem sufocada por nada”. No entanto, também existe um aspecto negativo, intensificado pelos traços destruidores do declínio e da ruína de valores que sustentavam o sentido a existência.

Os sentimentos de incerteza, desesperança e orfandade, frutos do niilismo, dão espaço para emergência da crise dos sentidos. Uma crise na qual todo o sentido se perde. Os indivíduos não se veem mais naquilo que fazem, sua própria existência torna-se uma questão.

A dissolução dos valores tradicionais levam a falta de finalidade, de resposta ao “por quê” (PECORARO, 2007, p. 7). E assim, os indivíduos vivenciam um sentimento generalizado de mal-estar, uma crise existencial fruto da derrocada dos valores culturais.

Metodologia

A pesquisa foi orientada por diretrizes da metodologia qualitativa. Segundo Bortoni-Ricardo (2008) para se entender a metodologia das pesquisas qualitativas é necessário conhecer o conflito que surge a partir do século XX entre a vertente positivista e a vertente interpretativista. A primeira corresponde às pesquisas experimentais de fenômenos observáveis, que procuram compreender relações de causa e conseqüência entre os fenômenos. Já a última corresponde às pesquisas qualitativas e procuram “entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

A vertente interpretativista rompe com as limitações do positivismo ao propor que todo conhecimento acerca do mundo não pode ser construído “independente das práticas sociais e significados vigentes” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

È através do discurso e da linguagem que se tem acesso as representações sobre os desencadeadores do mal-estar docente. Por esse motivo, a entrevista semi-estruturada foi utilizada como ferramenta investigativa.

Diante da impossibilidade de se fazer um levantamento do todo, estabelecemos uma amostra de dezesseis professores pertencentes aos quadros das redes pública estadual, pública federal e privada, do município de Uberlândia, cidade de médio porte com aproximadamente 619.000 habitantes, localizada no oeste do estado de Minas Gerais, Brasil.

Na formatação da metodologia de investigação buscamos manter o compromisso investigativo de compreender o mal-estar docente sob a ótica dos professores do ensino médio em exercício, que vivenciam o cotidiano das salas de aula e as atratividades ou não da profissão. Entendemos então que o conteúdo manifestado nas falas diz respeito a uma percepção do sujeito, sempre relacionada à sua história e seu trabalho enquanto docente.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados dezesseis professores vinculados ao ensino médio de escolas públicas e privadas do município de Uberlândia. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, cujo foco não era o levantamento estatístico de dados, mas sim, entender e interpretar, mediante o discurso dos entrevistados, as questões subjetivas que poderiam estar associadas às histórias sobre a experiência da prática pedagógica e do mal-estar. A partir da percepção da necessidade de se investigar o fenômeno do mal-estar, realizamos uma pesquisa que procurou analisar as razões para esse fenômeno entre os professores do ensino médio.

Os resultados da pesquisa apontaram que as razões para o mal-estar entre os docentes, em questão, encontram abrigo plausível nas perspectivas nietzschiana e freudiana de interpretação para o mal-estar. Os dados obtidos nos relatos dos professores entrevistados revelaram que há, dentre outros fatores, falhas no processo educacional relacionadas à interdição dos alunos, e um processo de depreciação e degenerescência de valores fundamentais no processo de ensino e de aprendizagem.

Falhas do processo educacional na interdição dos alunos

A escola pode ser considerada como uma das instituições mais expressivas criadas para atender a um ideal civilizatório. Levisky e Taille (2002, p. 109) consideram que, nas primeiras relações do processo educacional, os sujeitos criam “condições para o desenvolvimento de uma identidade, de padrões morais e éticos, das noções de liberdade e de democracia”. Ou seja, a educação, dentro e fora das escolas, atua como um expressivo agente de aprendizagem para a convivência social.

O processo educativo foi construído em torno de um ideal de regulação de comportamento o que produz conflitos e tensões constantes que geram mal-estar entre professores e alunos. Estas tensões acontecem, especialmente, quando esses últimos, alvo do processo educativo, não correspondem aos ideais almejados pela educação e pela cultura. As falhas do processo educacional indicam que não se tem conseguido levar os alunos a uma regulação pulsional adequada às normas sociais, ou seja, não há a esperada repressão de impulsos, por parte dos discentes, condenados pela ética social.

Os conflitos da relação entre professores e alunos foram um dos mais citados motivos para o atual mal-estar docente. Quando o educador é alvo de sentimentos e atitudes hostis, quando sua autoridade é questionada, ou quando a violência manifesta-se em ato, o mal-estar parece emergir de forma expressiva como reação às situações de ataque, mas também como reação à falha da instituição escolar em contribuir para o processo civilizador de seus alunos. O não-respeito ao professor ilustra uma das inversões axiológicas responsáveis pela perda da autoestima e da vontade de ensinar, que atinge o professor. Abaixo apresentamos alguns trechos das entrevistas, que ilustram o mal-estar diante dos conflitos na relação professor e aluno.

“Ah, são os conflitos mesmo com os alunos. Hoje em dia é difícil. Os alunos não respeitam professor, discutem com professor, gritam, vira e mexe você ouve aí, é, falar de professores que estão de licença porque brigaram com aluno, é, foram agredidos por aluno” (JOSÉ, informação verbal).

“[...] chegamos a assistir cenas até de quase agressões em sala de aula, de alunos que querem agredir os professores, e quando acontece isso, eu fico assim,..., muito indignado, triste mesmo” (JOÃO, informação verbal).

“[...] a gente percebe nas famílias dos alunos. É claro que na família o pensamento da sociedade, então, isso que me dá um certo desânimo. Eu já passei por situações em que o aluno tem problemas sérios de disciplina, mas é tipo de convívio social que aí não é só uma questão com um ou outro professor ou com algum funcionário da instituição, é dentro do próprio ambiente onde ele vive. Embora você remeta isso à família, a família não acredita, acha que não, que isso aqui é problema da escola, acha que o aluno não está satisfeito. Não sei se ela não tem essa percepção, ou se ela não quer enxergar esse problema, e muitos querem, acreditam que nós temos que

resolver esse problema, né. E muitos querem que nós, acreditam que a gente que tem que resolver esse problema, que a gente tem que moldar o caráter do aluno, e não é assim. [...]” (MARTA, informação verbal).

Nessa perspectiva, o mal-estar docente surge justamente quando o outro, o aluno, não consegue realizar, de maneira efetiva, a repressão de seus instintos transgressores ou a sublimação artística e criativa dos mesmos. Surge ainda da impossibilidade do docente poder dar vazão ao seu desejo criativo de ensinar.

No século XX, Freud falava de uma sociedade extremamente rígida em seus modelos de educação, repressão de instintos e punição, o que levava os indivíduos a frustrações e mal-estares diversos. No entanto, a sociedade ocidental caminhou lentamente para modelos de educação mais flexíveis, equiparados e com menos figuras de repressão, como as de antigamente. Assistimos ao desenrolar dessas mudanças quando observamos as estruturas familiares e a própria estrutura da escola.

Há uma tendência à horizontalidade das relações, o que ofusca as diferenças para exaltar a igualdade, como parte de uma mística modernizadora (PEREIRA, 2009). Está presente em discursos dos mais variados âmbitos, das instituições familiares, do trabalho e das práticas educacionais. Mas o que temos visto eclodir, sobretudo nas escolas – e isso apareceu explícita ou implicitamente nas entrevistas – é um discurso nostálgico de retorno a uma época em que uma repressão mais eficiente entre os alunos, garantia uma espécie de respeito e autoridade da figura docente e produzia condições para que o ensino e a aprendizagem efetivavam - se.

Nihilismo na educação

Nos relatos dos professores entrevistados encontramos algumas evidências que associam o mal-estar a um processo de “transvaloração” que constrói no contexto educacional frustrações ante as expectativas do docente em relação a sua prática. Para interpretação dessa série de mudanças que atingem a sociedade como um todo nos apoiamos nas considerações do filósofo Nietzsche acerca do nihilismo cultural.

Ruiu o valor da autoridade docente no mesmo instante em que entram em decadência os valores da mestria do docente enquanto mestre e figura de respeito porque detentora do saber que era objeto do desejo do discente, de sua família e da comunidade em geral. O reconhecimento social da docência desaparece e a ascensão social, anteriormente possível ao profissional da educação, dá lugar ao desinteresse, ao desrespeito e à remuneração acintosa,

vexatória e humilhante desta que, nos discursos políticos, é tida como a profissão mais “digna” de um cidadão.

Seguindo os novos modelos contemporâneos, de horizontalidade nas relações, os professores perdem cada vez mais espaço para o desenvolvimento da figura da autoridade e do poder político ou social. Além disso, a percepção comum e atual da docência, mais especificamente da docência no ensino básico, está longe daquela imagem romântica, idealizada e imaculada, própria do início da profissão, sendo, posteriormente, atravessada por imagens negativas de desvalorização, de infortúnio etc. Os professores não se sentem reconhecidos pelos mesmos padrões em que aprenderam a reconhecer seus docentes.

Antes da expansão da escola pública e da universalização do acesso à educação básica, período em que o Estado proporcionava um ensino de qualidade, e melhor remunerado, acreditava-se que a formação escolar era necessária para se alcançar bons empregos, para promoção social, e era na escola que essa formação poderia ser alcançada. Atualmente, há inúmeros exemplos de pessoas que ganham espaço no mercado de trabalho e na mídia, muitas vezes representando figuras de sucesso, sem necessariamente ter uma formação básica sequer. O cidadão se pergunta: educar para quê? ou qual o sentido de se obter educação formal? No interior desse leque de dúvidas se debate o educador: ensinar para quê?

Tais indagações evidenciam o niilismo pedagógico, como sintoma específico daquele niilismo maior, o cultural, descrito por Nietzsche e reconfiguram as demandas sociais, o que primeiramente abala a estrutura que sustentou a profissão docente por muitos anos. Exigem, ainda, do professor, uma espécie de adaptação, para o qual nem todos os docentes estão preparados. Vejamos alguns exemplos ilustrados abaixo:

[...] então, por isso que eu falo, porque, de certa forma, é muito fantasioso, sabe? Assim, de dizer que a sociedade reconhece, eu acho que ela pode reconhecer, mais deveria reconhecer mais a profissão docente, reconhecer e valorizar mais e exigir essa valorização (JOÃO, informação verbal).

Ai, assim, eu não sei se é porque quando você está estudando você tem mais em relação ao professor um respeito né, mas aí na hora que você começa a atuar você não tem esse respeito, né. A partir de tudo, a partir da sociedade mesmo, que não é aquele respeito merecido do médico, do professor, que a gente faz a ideia, a imagem que o professor tem, porque, tô falando da minha época, porque o professor era, ele tinha assim, um respeito, um respeito muito grande. E isso você começa a ver que não existe isso, pelo..., assim, pelo sistema, o nosso sistema de educação não te respeita, não tem esse respeito que a gente imagina que seja (MADALENA, informação verbal).

[...] hoje a gente tem uma cultura, sociedade que,..., isso é bom, não é ruim, que é que o aluno, o estudante aprende em todos os lugares, né. Antes você aprendia em sala de aula, agora você aprende em todos os lugares, e você tem um universo tão grande, e a pessoa se perde nele. Então, se tem muita informação, mas quem é o sujeito dessa informação, né? Então, é isso que frustra, é você ver seu trabalho diluindo, entendeu? E aí o que se aproveita dele é muito pouco (JOAQUIM, informação verbal).

Nos trechos acima vemos queixas que representam a dificuldade de alguns professores em se adaptarem a esse novo cenário educativo, que em muito se distingue daquele cenário que ele próprio vivenciou enquanto aluno, em formação para carreira docente.

Considerações Finais

Nossas entrevistas apontaram o mal-estar como um dos desdobramentos da prática pedagógica atual, em virtude, sobretudo, de duas realidades educacionais. A primeira, diz respeito à incapacidade da sociedade em geral, e da escola, mais especificamente, de obter dos discentes, de maneira consciente ou coercitiva, o controle de seus instintos mais primitivos que impedem as condições objetivas do trabalho docente, no mínimo realizador, criativo e estimulante. A segunda, ilustra a “transvalorização” que atingiu de cheio o exercício da docência. Referimo-nos à inversão de valores que tornou desrespeitada a figura do professor, uma vez que o próprio sentido da ação educativa e o valor do conhecimento escolar tornaram-se obsoletos na cultura “fast-food” e a vontade política dos governantes abandonou a escola.

De outro modo, o mal-estar docente, presente nas falas dos professores entrevistados, esteve profundamente associado ao abalo dos mitos da tradição seja na questão da repressão de impulsos ou na questão do niilismo e da inversão de valores. Sobretudo, porque essa inversão configura questões que abalam crenças tradicionais que sustentavam a escolha pela profissão docente: a questão da autoridade docente, do reconhecimento social da educação, e até mesmo das teorias pedagógicas e das metodologias de ensino. A prática pedagógica real tem sido ignorada pelas instituições formadoras de docentes o que fortalece a resistência à estese e constrói um terreno fértil para o mal-estar docente.

Neste cenário repleto de novas e contínuas transformações de valores culturais, e da mesma maneira, de valores educacionais, resta aos docentes procederem com os processos de adaptação e autossuperação, paralelamente às lutas cotidianas de resgate do valor do conhecimento escolar, do valor da educação e, sobretudo, do valor do profissional do ensino. Não somos resistentes às transformações culturais, sobretudo no campo dos valores.

Entretanto, seremos sempre oposição às inversões de valores que apequenam os indivíduos, nega-lhes os direitos básicos, dentre os quais o saber e a educação se impõem como os mais fundamentais.

Bibliografia

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal – estar na civilização**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GRANIER, Jean. (1933). **Nietzsche**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2011.

JESUS, Saul Neves de. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente **Revista KATÁLYSIS**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 192-202, 2004.

LEVISKY, David Léo; TAILLE, Yves de La. Mal-estar na educação. In: MACEDO, Lino de; ASSIS, Bernadete Amêndola de. **Psicanálise e pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. (1844 - 1900). **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. (1881 – 1888). **Sobre o niilismo e o eterno retorno**. In: Obras incompletas. Coleção os pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho São Paulo: Nova Cultura, 1999.

PECORARO, Rossano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. A autoridade docente interrogada. **Revista extra-classe**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.14-32, 2009.